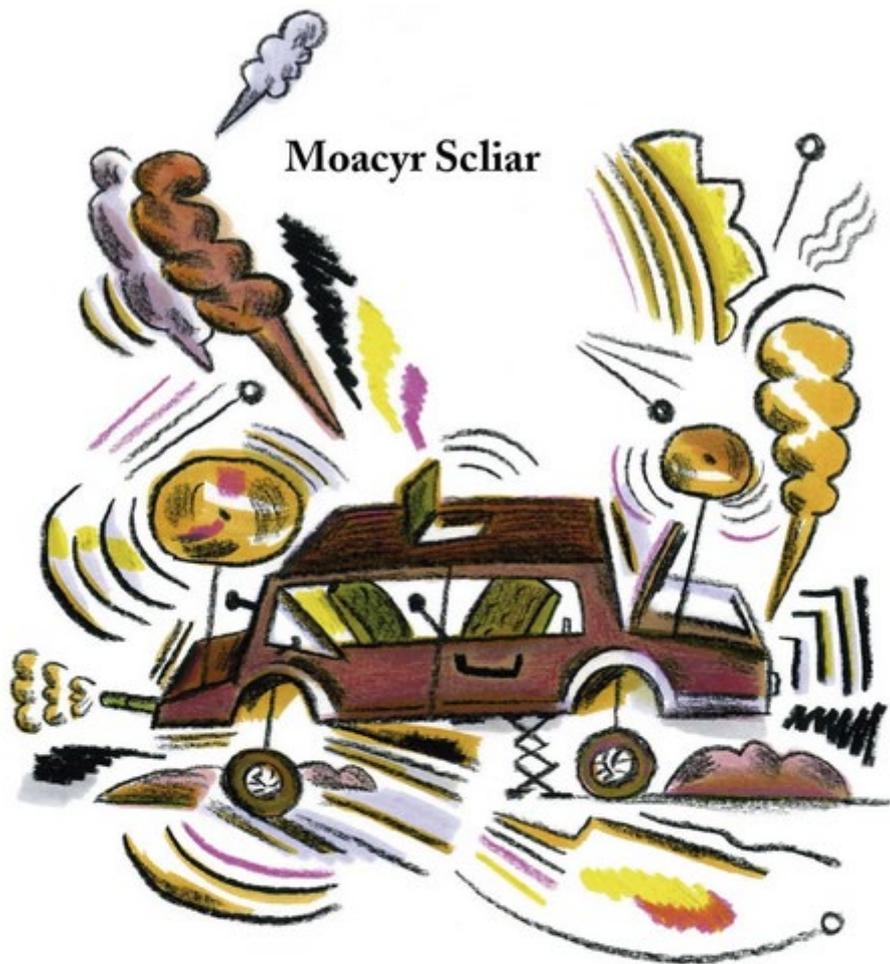


Moacyr Scliar



# A banda na garagem

Organização Regina Zilberman

Ilustrações Andrés Sandoval

***edelbra***

1ª edição, 3ª impressão, 2023

Ilustrações: Andrés Sandoval

Projeto gráfico: Victória Piffero

Revisão: Mônica Ballejo Canto

---

S419b Scliar, Moacyr, 1937-2011

A banda na garagem / Moacyr Scliar ; organização,  
Regina Zilberman ; ilustração, Andrés Sandoval – Porto  
Alegre: Edelbra, 2014.

72 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-66470-57-4

1. Crônica brasileira. I. Zilberman, Regina,  
organizadora. II. Sandoval, Andrés, ilustrador. III. Título.

CDU 821.134.3(81)-82

---

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

Edelbra

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida  
ou copiada, por qualquer meio,  
sem a permissão por escrito da editora.

LOGO FSC  
preto

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

**Moacyr Scliar**

# **A banda na garagem**



Organização Regina Zilberman

Ilustrações Andrés Sandoval

**edelbra**



A banda na garagem	/ 6
A vuvuzela como sonho	/ 10
Aprendendo com a professora	/ 14
Futebol e concorrência	/ 16
Colherzinhas	/ 18
Dançando no baile dos feios	/ 20
A jaqueta mágica	/ 22
Duras na queda	/ 24
Fonte da juventude	/ 28
Aquele estranho hábito, dormir	/ 30
O camundongo tenor	/ 32
Aranhas postais e outras aranhas	/ 34
Futebol e testosterona	/ 38
Latifúndio virtual	/ 40
Eu me amo	/ 42
Passageiro especial	/ 46
A emoção congelada	/ 48
O lamento dos excluídos	/ 50
O dinheiro como maldição	/ 52
O desabafo da balança	/ 54
Amor e tatuagem	/ 56
O sumiço do Dunga	/ 60
A barba do Papai Noel	/ 62
A cura pelo beijo	/ 64
Resoluções de Ano Novo	/ 68

# A banda na garagem

//////  
Saia da garagem, procure roteiros de festivais independentes em todo o Brasil. (Folhateen, 22 de fev. de 2010)

**C**omo muitos adolescentes, ele tinha uma banda. E, como muitos adolescentes, tinha de aceitar a dura realidade: nem todas as bandas são reconhecidas, nem todas fazem sucesso. E, como muitos adolescentes, fez o que podia fazer: pediu licença ao pai para usar a garagem da casa como estúdio.

O pai concordou. Em primeiro lugar, porque queria ajudar o filho e seus talentosos companheiros. Depois, porque seria muito melhor que tocassem na garagem, isolada da casa, do que no quarto, de onde infernizavam a vida dos familiares e dos vizinhos. E, por último, porque a garagem estava vazia. O homem não tinha carro, possuía habilitação, mas não gostava de dirigir, e

não dirigia. Comprara uma casa com garagem claro, porque todas as casas têm garagem, mas por muito tempo usara-a apenas como depósito para umas poucas malas e para jornais velhos. Ceder a garagem, portanto, parecia-lhe uma boa solução, mesmo porque provavelmente era coisa para pouco tempo. Ou a banda se tornaria profissional, o que era impossível, ou os jovens cansariam daquilo.

O que nem ele nem ninguém poderia imaginar era a surpresa que a sorte lhes preparava. Um colega de trabalho ofereceu-lhe uma rifa de automóvel. Ele não estava interessado, mas para ajudar uma boa causa (a rifa beneficiaria um asilo de idosos), comprou um número. Veio o sorteio e ele, que nunca ganhava nada, foi contemplado: foi-lhe entregue um novo e reluzente automóvel.



A primeira coisa que pensou foi em vender o veículo. Mas o chefe tinha uma proposta: se você dirigir, disse, eu posso lhe encarregar das vendas de nossa empresa em várias cidades, e você vai ganhar muito mais.

E aí estava criado o dilema. Porque o uso do automóvel seria esporádico, alguns dias por mês. O resto do tempo ficaria parado. Na garagem da casa, naturalmente. Quando anunciou a novidade ao filho, esse ficou furioso. Perderia então o seu lugar de ensaios? Justamente no momento em que a banda estava engrenando? Não, não podia concordar com isso, a discussão azedou, a mãe e outros irmão entraram na briga. Por fim, e milagrosamente (graças a um tio que tinha fama de conciliador) chegaram a uma solução: os rapazes da banda continuariam ensaiando na garagem.

O carro permaneceria lá, o que tornava a situação um pouco incômoda, mas seria melhor do que procurar outro lugar para fazer música.

Um dia, quando os rapazes estavam tocando, o homem entrou na garagem e ligou o carro para sair. Aquilo foi, para o filho, uma súbita inspiração, por que não combinar o som do motor com os instrumentos musicais? Experimentaram isso, acelerando e desacelerando a máquina, fazendo soar a buzina de vez em quando, e o resultado foi surpreendente. Tão surpreendente que muita gente veio ouvi-los, foram até convidados para um show numa tevê local. São considerados os pioneiros em um novo movimento, o da música motorizada.

O carro, agora é da banda. O pai está pensando em comprar outro automóvel. Só não sabe onde vai guardá-lo.

**ED DEL BRA**

# A vuvuzela como sonho

////////////////////////////////////

A Premier Inn, uma das maiores cadeias hoteleiras do Reino Unido, anunciou a proibição das vuvuzelas, as cornetas de plástico que dividiram as opiniões no Mundial-2010. A empresa, que conta com 580 hotéis pelo mundo, proibiu as vuvuzelas depois que torcedores perturbaram o sono de seus hóspedes no hotel central de Newcastle, Inglaterra. Criada por Freddie Maake, torcedor do Kaizer Chiefs, medindo de 50 cm a 2 m e relativamente barata, a vuvuzela tornou-se muito popular. (Folha online)

**D**esde criança, seu maior desejo era tocar um instrumento musical. E bem que tentou. Com o apoio dos pais, fez primeiro aulas de piano. Sem resultado: a professora mandou-o embora, dizendo que ele não tinha o menor futuro naquele instrumento. Seguiu-se o violino, a harpa, o fagote. Nada.

Por sugestão da mãe, partiu para o popular: violão, cavaquinho. Inútil. Não conseguia tocar coisa alguma, nem mesmo pandeiro. Aos treze anos, considerava-se um completo

fracasso, alguém que teria de renunciar aos sonhos e conformar-se com a dura realidade.

Foi então que descobriu a vuvuzela. Claro, já conhecia essa estranha corneta de plástico, mas na verdade não havia se interessado muito por ela até então. Com a Copa, porém, e com a visão de milhares de pessoas fazendo soar suas vuvuzelas, ele se entusiasmou. Com o dinheiro da mesada comprou uma vuvuzela particularmente grande, com quase um metro de comprimento, e particularmente poderosa: o som que ali saía, e que parecia zumbido de abelhas enfurecidas, fazia vibrar as paredes da casa. E enchia-o de satisfação.

Pela primeira vez estava fazendo música, ou algo que considerava como música. E, para isso, não precisava de professor nem de partituras. Bastava-lhe a vontade de fazer



soar aquela coisa, e essa vontade não lhe faltava nunca.

Freddie Maake, o inventor da vuvuzela, transformara-se em seu ídolo. Tinha até uma foto do homem pendurada em seu quarto. Quem não estava gostando nada da situação eram os pais, que não aguentavam mais aquela vuvuzela. Os vizinhos também começaram a reclamar e ameaçaram fazer queixa à polícia. Quando o pai leu no jornal que uma cadeia de hotéis ingleses tinha proibido as vuvuzelas, sentiu-se autorizado a fazer a mesma coisa.

Chamou o filho, mostrou-lhe a notícia e fez o comunicado: a nossa casa não é hotel, mas vale aqui o mesmo princípio: você não pode mais tocar vuvuzela.

E ele não toca mais vuvuzela. A corneta – cuidadosamente enrolada em um pano – está guardada em seu roupeiro, aguardando a oportunidade para o retorno. Mais cedo ou mais tarde, ele tem certeza de que o retorno ocorrerá.

Um dia a vuvuzela será reconhecida como o instrumento musical de nosso tempo, superior ao clarinete e ao oboé. Um dia alguém comporá uma sinfonia em dó menor para vuvuzela e orquestra.

E um dia essa peça será apresentada ao público no Municipal. Ele será o solista, claro. E quando os aplausos estrugirem, ele se inclinará diante do público, com sua vuvuzela, sorrindo feliz por ter, enfim, realizado seu sonho de tocar um instrumento.